

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 554	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	6120	11 DE MAIO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

D'esta vez o tempo portou-se bem. — honra lhe seja! — e a festa das flores foi uma festa a valer, sem nuvens encastelladas no céu e sem golas levantadas na terra, uma festa de primavera em cidade que gosa na rhetorica florida da geographia europea do adorifero cognome, de jardim à beira mar plantado!

A chuva dignou-se de abrilhantar a festa com a sua ausencia e o Sol foi n'esse dia de batalha d'uma pontualidade marvoctia, credora de todas as benções e de todos os agradecimentos da gentil commissão promotora da gentilissima festa.

E se todos os batalhadores tivessem tido a mesma pontualidade, que o Sol, muito mais brilhante teria sido com certeza ainda a graciosa peleja, que se alguma falta teve, foi a de um quasi nadinha mais de animação, mercê das longas horas que no Campo Grande se esteve á espera que lá chegassem os luctadores.

Manda porém a verdade que se diga que a culpa não foi d'elles, denodados campeadores, que sahiram muito a tempo e horas de suas casas, nas suas carruagens carregadas de rosas, de lilazes, de violetas e de *bonbons*, mas sim da trapalhada e da balburdia em que encontraram as ruas de transitio, balburdia e trapalhada que os obrigou a estar horas e horas no Campo Pequeno á espera de poder seguir para o logar do combate.

A policia estava em grande numero no Campo Pequeno a regular esse serviço e naturalmente foi por

isso mesmo que elle correu tão irregular, elle, que se faz sempre excelentemente quando a policia não apparece.

A policia porem, segundo toda a gente o affirmava, fez quanto em si coube, para que esse serviço fosse mau e pelos modos, coube muito, porque no genero de mau, esse serviço nada deixou a desejar e a atrapalhão e a balburdia que reinou das portas até ao Campo Grande entre peões, cavalleiros e carruagens, excedeu tudo que era licito esperar.

Felizmente a policia não legislou para o Sol e par isso elle lá esteve desde pela manhã no Campo Grande a animar a festa e a fazer da quinta feira da Ascenção um dos dias mais formosos de primavera que este anno tem por cá apparecido.

A concorrência á Batalha das Flores foi enorme, tanto concorrência de espectadores como concorrência de batalhadores e se foi muito menor do que na Batalha da Avenida, o numero de carros enfeitados, e se em riqueza de ornamentação nenhum dos carros da batalha do Campo

Grande podia soffrer comparação com a elegancia, a opulencia e o luxo dos que appareceram na outra batalha, em compensação a animação foi muito maior sem paralelo algum, isto é, as hostes belligerantes eram muito menos luxuosamente equipadas, mas a batalha foi muito mais renhida e muito mais entusiastica.

Entre os carros enfeitados destacavam-se pela sua elegancia a carruagem de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, ornamentada de violetas e rosas, o phaeton de El-Rei D. Carlos, enfeitado com rosas; o *landau* dos filhos do sr. conde de Valençães vistosamente decorado com lyrios, lilazes, e noveleiros; da sr.ª condessa d'Almedina, com lyrios, rosas e myozotes, dos srs. condes de Bournay, com accacias amarellas, bugonvilles e rosas, da familia Mendes Monteiro, com noveleiros e espigas, do sr. Eduardo Romero, *charrette* formando um cançado de rosas, do sr. conde d'Almedina, Carlos Cruche, viscondes de Monsanto, dr. Alvaro da Fonseca, D. Laura Sasseti, condessa de Penalva d'Alva, conde dos Oliveas, condes de Proença a Velha, Bernardo Caria, etc.

Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia apresentou-se n'uma *landau* sem decoração alguma, mas com uma enorme porção de *bonquets* de flores, de sacos com *bonbons* e



DR. PRUDENCIO DE MORAES

NOVO PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL.

(Cópia de uma photographia)

com a sua suprema elegancia e com a sua alegria expansiva foi uma das mais audazes e infatigáveis luctadoras, foi por assim dizer a alma da festa, a sua grande animação e o seu poderoso encanto.

O sr. infante D. Affonso apresentou-se com a mesma elegante posta romana, com que estivera na batalha da Avenida.

Quando a familia Real chegou ao recinto da Bataha — ás 4 horas da tarde — a commissão de meninas e rapazes, que promoveu esta alegre e brilhante festa, esperava Suas Magestades e entregou-lhes as suas sinas feitas em tres deliciosas quadras pelo illustre poeta Lopes de Mendonça, quadras que não resistimos ao desejo de transcrever.

A oferecida á Rainha a Sr.<sup>a</sup> D. Amelia dizia assim :

Corôa de luz etherea,  
Em que a ventura se engaste,  
Hade fundir-te a miseria  
Com os prantos que enxugaste

A de Sua Magestade a Rainha a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Pia :

Quer o Eterno que se faça  
O milagre que preferes :  
Desappareça a desgraça  
A cada passo que deres.

A de Sua Alteza o Principe Real :

Teu destino porvindouro  
Ha muito Deus o escreveu  
Nos teus cabellos, côr de ouro,  
Nos teus olhos, côr do eeu

Suas Magestades estiveram no recinto da Bataha até ás 6 horas da tarde sendo a sua retirada o signal para terminar essa brilhante festa, que se deve á iniciativa d'um grupo de meninas das mais formosas e gentis da nossa primeira sociedade e cujo producto, que foi importantissimo, reverteu o favor da criação d'um hospital para creanças!

Felicitemol-as pelo esplendido exito da sua deliciosa e caritativa festa.

\* \* \*

E sem sahirnos do assumpto flores, assumpto perfeitamente proprio do mez em que estamos, mais outra festa em que as flores e a caridade tiveram o principal papel — a exposição — concurso horticola, realisada pelos srs. conde de Burnay, nos magnificos jardins do seu palacio da Junqueira, e cujo producto reverteu a favor dos pobres das freguezias d'Alcantara, Belem e Ajuda.

A exposição feita sob a direcção dos srs. Ernesto Pisard, jardineiro da camara municipal de Lisboa e Antonio Sarralha, jardineiro do srs. condes, concorreram os principaes horticultores de Lisboa.

Dividia-se em cinco partes o programma do concurso.

1.<sup>a</sup> Collecção de rosas, — sendo conferida a medalha d'ouro ao sr. Campos Porto, dono do magnifico estabelecimento de horticultura da calçada do Salitre; medalha de prata dourada ao sr. Marcolino Teixeira Marques; medalha de prata a lady Mac Donell.

2.<sup>a</sup> Rosas novidades — não teve expositores.

3.<sup>a</sup> Orchideas e outras flores de estufa; coube a medalha de ouro á sr.<sup>a</sup> D. Maria de Carvalho Monteiro; a medalha de prata dourada, á Camara Municipal de Lisboa, e menções honrosas aos srs. Campos Porto e Teixeira Marques.

4.<sup>a</sup> Flores d'exportação — premio ao sr. Schwallier.

5.<sup>a</sup> Flores montadas em ramos, corôas, vasos guarnições de sala etc, medalha d'ouro a M.<sup>me</sup> Louise, afamada florista da rua do Ouro; medalha de prata dourada a D. Carolina Burnay de Macedo; medalha de prata a Manuel Georges; menções honrosas a Franz Steenhoper condessa de Porto Brandão, Madame Seulmans, Eduardo Romero.

A exposição inaugurou-se no sabbado 5 ás 2 horas da tarde sendo o preço de entrada a 500 rs. e continuou no domingo segunda e terça feira, sendo no domingo o preço 250 réis e nos outros dias 100 réis.

Foi enorme a concorrência a essa deliciosa exposição e no primeiro dia honraram-na com a sua visita Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia e Sua Alteza o Infante D. Affonso.

O aspecto da exposição era perfeitamente phantastico. As flores estavam expostas em tres barracas, uma enorme, com 500 metros quadrados de superficie, armada em frente do palacio, e duas

mais pequenas, uma unicamente com os productos dos jardins de madame Louise, outra destinada ás flores de exportação.

Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia apresentou na exposição, fóra do concurso, uma riquissima collecção de flores e magnifica era tambem a collecção que, nas mesmas condições, apresentou o sr. conde de Burnay.

A barraca de Madame Louise estava cheia de flores deliciosas e então no tocante a flores montadas em ramos, em cestas, os trabalhos apresentados por esta habilissima e elegante florista eram um verdadeiro encanto e bem lhe mereceram o primeiro premio, a medalha d'ouro.

A exposição horticola nos jardins do sr. conde de Burnay teve um grande e legitimo successo e constituiu um verdadeiro e originalissimo acontecimento na nossa cidade

\* \* \*

A sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa acaba de representar — com grande successo — uma comedia celebre do celebre Shakspeare. — muita bulha para nada!

O sr. dr. Pestana, illustre bacteriologista, apresentou ha dois dias ao governo o seu relatório sobre as suas observações microscopicas acerca da epidemia reinante, d'essa epidemia que tantas discussões tem levantado e que nenhuma morte tem feito — graças a Deus! — e n'esse seu relatório o sr. Pestana acaba por affirmar, que o bacillo que encontrou e que submetteu a sua analyse, e que por ali se dizia ser o terrivel bacillo de Koch, não é o bacillo de Koch mas sim o mesmo bacillo, que se encontrou na analyse das aguas de Lisboa.

Ora graças a Deus!

Acabaram-se as discussões, e acabaram-se os terrores! Já se sabe o que é o mal e onde elle está, e por tanto facil deve ser o remedio.

Agora o que é preciso, é tratar d'isso a serio e quanto antes, porque nem só do bacillo de Koch morre o homem.

E entretanto a Sociedade das Sciencias Medicas fazendo tanta bulha prestou um revelantissimo serviço ao paiz obrigando-o a lavar-se, a limpar-se, a desinfecar-se.

Esta bulha tinha entretanto um perigo — espalhar o terror — mas já que a benignidade da epidemia não deixou tomar a serio esse terror, as medidas preventivas que d'essa bulha resultaram foram um verdadeiro beneficio para todos nós, porque no fim de contas é sempre muito melhor, poder dizer «Bem fiz eu!», do que... «Se eu soubesse!...»

Gervasio Lobato.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### OS ACONTECIMENTOS, NO BRAZIL

#### O NOVO PREZIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL.

Realizou-se em abril ultimo, no Brazil, a eleição geral para a presidencia da republica, eleição que era esperada com justa ansiedade, porque d'ella dependia, em grande parte, a pacificação d'aquelle grande paiz.

O sufragio geral elegeu o candidato proposto sr. Dr. Prudencio de Moraes, nome respeitado em todo o Brazil, e que naturalmente se impunha para o alto cargo da presidencia da republica brasileira.

O sr. Dr. Prudencio de Moraes nasceu em Itu, Estado de S. Paulo, e tem cerca de 50 annos de idade.

Tendo frequentado com rara distincção a Universidade de S. Paulo, ali se formou em direito, seguido depois a vida de advogado, no que alcançou boa reputação e popularidade, pelos seus elevados dotes de espirito e excellencias de character.

Em 1866 foi eleito pela primeira vez deputado e desde logo acentuou a sua individualidade no parlamento brasileiro, como homem de elevado saber e moderada politica, o que não impediu que fosse dos primeiros a adherir ao partido republicano, quando este se formou em 1870, sendo logo depois eleito deputado pelo novo partido, facto que se repetiu em successivas legislaturas.

A sua alta capacidade politica, indicou o para

senador, e ultimamente era o presidente da Camara.

Na eleição de 1891, que confirmou na presidencia da republica o fallecido general Deodoro da Fonseca, teve o sr. Dr. Prudencio de Moraes 97 votos para aquelle cargo, no que bem se evidenciou a sua popularidade.

A larga experiencia dos negocios publicos, que tem o sr. Dr. Prudencio de Moraes junta á vasta illustração do seu espirito liberal, são tudo predicados que promettem um bom governo, que restitua ao Brazil a paz e todas as prosperidades de que é digno.

#### O CRUZADOR «REPUBLICA»

Este navio de guerra da marinha brasileira tomou parte importante na lucta fractecida que acabou de se ferir no Brazil.

Sendo um dos melhores cruzadores da moderna marinha, achou-se em poder dos insurrectos resistindo valorosamente a todos os ataques da marinha fiel ao governo.

O almirante insurrecto Custodio de Mello, que durante os primeiros mezes da insurrecção, esteve a bordo do *Aquidabam*, fazendo d'elle o seu navio almirante, passou n'os ultimos tempos para bordo do *Republica*, e n'elle sahio do Rio de Janeiro em direcção ao Rio Grande do Sul onde se foi juntar aos insurrectos d'aquelle Estado.

Os acontecimentos do Rio Grande, desfavoráveis aos revoltosos, determinaram a rendição dos insurrectos, e o almirante Custodio de Mello, retirando-se para Buenos-Ayres, deixou o *Republica*, que está actualmente na posse do governo legal do Brazil.

O cruzador *Republica*, é de aço, construido em 1862. Tem de comprimento 69,<sup>m</sup> 30, de largura, 18,<sup>m</sup> 15 e 4,<sup>m</sup> 29 de calado, com 1:300 toneladas, e as suas machinas são da força de 3:300 cavallos, dando ao navio a velocidade de 17 milhas por hora.

E' illuminado a luz electrica e tem de armamento 10 peças de carregar pela culatra, sendo 4 de tiro rapido e mais 6 metralhadoras, além de 4 tubos de lançamento de torpedos e 2 projectores electricos.

#### A CIDADE DE S. PAULO

Esta cidade foi das que esteve mais ameaçada de cahir em poder dos insurrectos, vindos do Rio Grande do Sul.

A importancia da grande capital da provincia de S. Paulo, tanto pelo seu desenvolvido commercio e industria como pela illustração dos seus habitantes, pôde-se considerar n'um estado de civilisacção assás adiantado, e por isso seria da maior importancia se as forças insurrectas a chegassem a occupar.

Não aconteceu felizmente assim, porque a insurrecção chegou ao seu termo e os insurrectos viram-se forçados a depôr as armas, antes que tivessem occupado aquella cidade.

A esplendida vista panoramica da cidade de S. Paulo, que hoje publicamos, foi desenhada do natural, e do Gazometro edificado na margem direita do rio Tamanduatéhy pelo viajante portuêz A. Lopes Mendes.

A noticia que sobre a mesma cidade offerecemos, é extrahida da *America Austral*, carta XII, publicada no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, pelo referido viajante, e reza assim

«S. Paulo, cidade capital da provincia do mesmo nome, assenta n'um planalto formado por terrenos sedimentares e de alluvão antigos, rodeado d'uma extensa e bellissima campina banhada ao norte pelo Tamanduatéhy, confluyente do Tieté.

«Tem esta cidade amplas ruas calçadas com paralelepipedos de granito em substituição do antigo grés-vermelho; sendo illuminada a gaz e servida por linhas de *bonds*. Affirmam-nos que, nos ultimos annos, tem recebido uma transformação assombrosa em construcções urbanas; vendo-se por toda a parte elegantes edificios apalaçados e vistosos *chalets*»

«Conta 36:000 habitantes, avultando a população estrangeira, principalmente portuguezes, italianos, allemães, francezes e inglezes.

«Da sua famosa *Academia de Direito*, creada em 1827, tendo annexo um curso preparatorio, e que é largamente frequentado por distinctos alumnos, tem sabido muitos vultos illustres que occuparam em todo o Brazil as mais elevadas posições sciencias e politicas.

«Está n'esta cidade a sede do bispado estabelecido em 1746.

«Possue 5 collegios e externatos de instrucção

secundária para o sexo feminino, sendo o mais notável o *Collegio Pestan*; 4 para o sexo masculino, e 1 mixto.

«Além d'estes collegios de primeira ordem, tem a escola academica, instituto digno de elogio, fundado sob o regimen seguido na America do Norte; a aula normal para professores; as aulas de preparatórios da Academia; o seminario de educandas; e o episcopal; o instituto de artífices; o instituto D. Anna Rosa, a notável propagadora da instrucção popular.

«Alguns d'estes edificios consagrados ao ensino, são de architectura graciosa, com porticos e columnatas de marmore verde e marmore preto com veios de diferentes côres, extrahidos das pedreiras de *Pantojo*, no municipio de Sorocaba. Os plintos e capiteis de muitas columnas são de marmore preto, lindissimo pelo seu brilho excepcional.

«Ha n'esta importante cidade 4 jornaes politicos diarios; e 5 periodicos litterarios e politicos, publicados por academicos; duas bibliothecas; a da Academia, e a Popular creada e organizada pela loja maçonica America, possuindo cerca de 3:000 volumes.

«Tem um museu provincial; um gabinete de physica; um observatorio astronomico no seminario episcopal; e bem assim grandes casas de commercio, *restaurants* e hoteis, sendo o mais notável e talvez o melhor do Brazil, o Grande Hotel, de que é proprietario o sr. Carlos Schorcht.

«As egrejas, em numero de 22, são de pouca importancia pela sua architectura e ornamentação. O que ha de mais recente a respeito de egrejas é a Presbyteriana e um templo anglicano, pequeno, mas elegante.

«Estabelecimentos de diversão, possui: o theatro de S. José e o Theatro Provisorio; o Jardim publico da Luz; a Ilha dos Amores; o Hippodromo e o *Rink* de patinadores.

«Conta 6 typographias, sendo 4 a vapor; 1 officina lithographica, e 3 de encadernação; diversas fabricas de cerveja; 1 grande fabrica de tecidos de algodão; 4 officinas de fundição; 2 serrarias a vapor e outros estabelecimentos fabris de menor desenvolvimento.

«Foi esta riquissima terra brasileira a que os Portuguezes primeiro melhor conheceram e colonisaram. Em 1532 fundou-se aqui a colonia de S. Vicente, sendo seu original donatario Martim Affonso de Sousa; passando em 1709 a ser capitania com o nome que hoje tem de S. Paulo.»

## A CALDEIRA DAS SETTE CIDADES NA ILHA DE S. MIGUEL (Açores)

*A' memoria de Antonio Lopes Mendes, fallecido em 31 de janeiro de 1894.*

Chegado de alguns dias apenas do continente á ilha de S. Miguel, tendo ouvido lá e pela viagem encarecer a extraordinaria belleza da Caldeira das Sette cidades, ardia em desejos, e impacientava-me a curiosidade de ir observar a maravilha.

Uma carta corographica do archipelago dependurada em uma das paredes da casa de entrada do hotel açoriano estava ali verdadeira tentação a desafiar-me, apresentando-me, no angulo do sudoeste, os contornos topographicos, as casas das altitudes das cumieiras, as profundidades das ribanceiras e as sondagens da lagoa das Sette cidades.

Sette cidades! O nome já de si era uma esphyngue que me attrahia. Nunca ouvira fallar de que n'esta ilha houvesse mais de que uma e ali estavam sette!

Além das recommendações, dos encarecimentos e da carta, que todos a seu modo me sulcitavam, venho a encontrar aqui um continental, um artista, que tudo dispoz para que eu pudesse transformar o desejo em realidade; para que aquillo que eu já entresenhava se convertesse em uma visão surpreendente.

Realizava-se a nossa excursão no dia 30 de janeiro, e no dia seguinte, ainda toda a minha sensibilidade vibrava de enthusiasmo quando tentei communicar pela escripta o que pudesse formular das minhas impressões a um velho amigo; a um artista de raça, que lá deixara no continente, e, foi n'esse intuito que, na propria occasião do passamento e a duzentas leguas de distancia, eu dirigia a attenção e amizade do vivo o que só posso agora consagrar á saudade do morto.

Meu Caro Lopes á tua honrada memoria, á commemoração de tuas virtudes superiores, ás finas delicadezas da tua alma candida e sã, á veneração dos sanctos affectos em que comprehen-

dias quantos de ti se acercavam, devia eu muito mais.

Accompanhar-te desde o alvorcer da vida trabalhador prezistente, indefesso e prestimoso, dar-te o ultimo adeus ao ver-te cahir fulminado, sem que levantasses a mão do labor; produzir a toda luz um espirito, que atravessou as mais accidentadas vicissitudes sem um instante descurar n'elle a fé viva que o alentava e o impellia a seguir, sem desvios o honrado cominho do dever; arrancar á modestissima sombra do seu lar um vulto sympathico e chão, que menos se preocupava com os proprios meritos de que em os applicar em proveito alheio, seria rigoroso dever, meu mais que de ninguém.

Partias para a India em 1862 e era eu o primeiro a acompanhar-te com os votos de uma pouco mais de que incipiente amizade, que a distancia não desvaneceu e os annos robusteceram.

Quatorze annos mais tarde eras tu que me obrigavas a escrever um livro para me dares n'elle perduravel monumento de amizade; partias depois para a America, ao fim de vinte annos (1882), e ainda foram os mesmos votos meus pelas tuas felicidades, que te acompanharam mas já então em seguimento de outros que mais gratos te eram; os de tua mulher e de teu filho.

Devia ser eu então quem synthetizasse em algumas palavras o assignalado caminho que percorreste durante sessenta annos de existencia.

A's afirmações que a principio fiz a teu respeito como uma esperança, aquella com que devi consignar-te depois em evidencia como um util, deveriam terminar agora por umas ultimas tão sinceras como sentidas, com que te glorificasse como um bom.

Que a tua grande alma me perdõe, Assumi deveres de que não sei desempenhar-me. Vivo tu animava-me aquelle intimo conversar de velhos amigos. O teu espirito tão sereno, tão cheio de conformidade e de energia, tão afinado na pedra de toque da adversidade, tão rico de saber e de experiencia, tão adornado de conhecimentos, que uma observação constante e intelligente dia a dia acrescentava, esse espirito animava-me e alentava-me. Tu o mineiro e o lapidario, e a minha alma a illuminar-se com as scintillações d'esses thezouros intimos.

Agora que teu espirito se allou ás regiões de que não se baixa, sinto estenuarem-se-me as forças. Cada amigo que se afasta é uma das raizes da vida que se nos dilacera. Queria glorificarte e não sinto a mão robusta se não para apontar a tua obra.

E não é preciso mais.

Quando tiver cahido a ultima pedra dos nossos monumentos aziaticos sobre a ultima ruina do nosso imperio indiano, quando a mão do estrangeiro, ciumento ou desdenhoso de umas estranhas glorias levantar sobre a poeira d'essas ruinas suas ostentosas construcções, a tua India Portugueza háde dizer atravez dos tempss o que o teu lapis inspirado, a tua investigação laboriosa poderam salvar do esquecimento.

A' falta de mais e melhor que á tua memoria possa dedicar offereço-te as linhas que vão ler-se que são para mim sagradas como escriptas, que decerto eram no momento em que deixavas de existir. Escriptas supondo te vivo sei que não te podiam ser indifferentes.

Hontem (30 de janeiro) fomos ás Sette cidades, e agora já posso dizer, um dos pontos mais pittorescos e, sem duvida, o mais caracteristicamente singular de toda a ilha.

Da Caldeira das Sette cidades, comparada com a do valle das furnas, as duas maravilhas de S. Miguel já ouvi dizer — aquella é a vestal tímida e casta que se recata; esta mundana vaidosa que se ostenta.

Ai quem me desse aqui o Lopes Mendes exclamava Antonio Emilio em fremitos de enthusiasmo, ao ver subito e sem transição escancaradas deante de nosso olhar estopelacto as enormes fauces da cratera de um vulcão extincto, com escarpas descendentes de um vertiginoso declive, até ás profundezas do abismo; e lá baixo crystallino como um espelho azul como o céu, languido como um primeiro beijo que apenas afflore e resvale sobre o rosto da virgem que se adora, um lago profundo tranquillo e manso, que de uma parte se espergüça até ir dizer ás penedias da mais distante escarpa. — Como sois duras? e de outra submissa e em murmurios brandos ataga o estendal de area onde a cazaria alveja; onde as arvores se atufam se addensam e se comprimem, em florestas, de pinheiros, em bosques de chôpos despidos agora de verdura, em lamedas sombrias das cryptomerias japonicas.

O homem tinha motivos para sentir deslumbra-mentos, para invocar o lapis observador, correcto

e finamente artistico de Lopes Mendes, ao ver deante de si abertas e nítidas, escalonando pela cratera fora, como reductos que protegessem a povoação a floresta e o lago, duas crateras menores tão perfeitas, tão completas que não só pareciam guardadas n'aquelle retiro para darem uma idea do grande phenomeno geologico que as produziu, como estavam pedindo o auxilio que só lhes poderia dar a arte, para poder ser transportado para toda a parte o motivo de admiração que nos dominava.

Se tu, meu velho artista, visses os efeitos surprehendedentes da luz solar, que, do escoar-se intensa pelos rasgões das nuvens, cahia de salto lá no fundo, deixando-lhe uma parte contornada de um crescente de sombra negra ao mesmo tempo que com a sua esteira intensamente luminosa velava de uma esfumada bruma a encosta do poente; se visses como aquelle sol illuminava de tons vivos, as cazas alvas de neve, o esguio campanario da freguezia, que l'abaixa, ao longe, se desenhava como caprichosa phantasia de cartonagem, e se visses como elle deixava contemplar atravez de um sinto azul a parte azul do grande lago, terias dó da nossa ineptidão artistica, e sentirias todo o ardor de nosso enthusiasmo; e então, de certo, nos opulentos recursos do teu talento, acharias meio de crystalizar as nossas impressões.

Meu bom amigo, eram as tuas exequias aquella nossa confissão dos teus talentos.

Nós dous eramos bem pequenos para fazermos a tua glorificação; mas estavam bem alto para que as respirações oceanicas, que passavam desafogadas, podessem communicar o teu nome a todos os ventos do céu; e foi por isso que á falta de maior estatura nós providencialmente n'aquellas arrojadas eminencias nos curvamos em ultima homenagem deante do teu grande espirito.

(Fonte Delgada).

Silva Mattos.

## MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO NA INQUISIÇÃO DE LISBOA

I

Manuel Fernandes Villa-Real nasceu em Lisboa pelo anno de 1608, sendo filho de Francisco Fernandes Villa-Real e de Violante Dias, ambos naturaes de Villa-Real, na provincia de Traz-os-Montes, patria tambem, segundo parece, de seus avós paternos Manuel Fernandes e Gracia Garcia; e foi baptisado na igreja da Conceição, servindo-lhe de padrinho Vasco Martins de Castro.

Era o commercio em geral a occupação de sua familia, o que não admira por constituir essa a predilecta quasi sempre da gente de nação, á qual toda ella, por assim dizer, pertencia. Seu pae possuira ao principio uma loja de fanqueiro em Lisboa, na Fancaria de Cima, e depois tomara o contracto das terças e o das rendas do priorado do Crato; seu tio materno Pantaleão Martins, que veio a ser seu cunhado, por casar com Leonor Dias, sua irmã, foi mercador e teve o contracto do tabaco; seu irmão Gonçalo Dias teve loja de mercearia em Lisboa, na Rua Nova, junto ao arco dos Barretes; e seu irmão Pantaleão Martins foi para o Cabo de Santo Agostinho no Brazil, e ahí se empregou em negociar, no que consistiu igualmente o modo de vida de seus sobrinhos Francisco Rodrigues, Antonio Henriques, Manuel Fernandes Dias e Antonio Luiz, estes dois moradores em França na cidade de Luão, e o de outros parentes.

A educação litteraria de Villa-Real reduziu-se a pouco. Não deixou de seguir em parte a carreira do commercio, á imitação da sua familia; mas dedicou-se, além d'isto, a outros misteres. Ainda muito moço, passou a Tanger com o governador d'aquella praça D. Jorge Mascarenhas, e n'ella militou dois annos e meio á sua custa, d'onde lhe proveiu naturalmente o posto de capitão com que nos apparece nomeado até em documentos officiaes. Voltando a Portugal, occupou-se durante alguns mezes no Alemtejo com os negocios das terças do reino e das rendas do priorado do Crato, de que seu pae teve o contracto, como dissemos. Depois encontrámo-lo em Lisboa corretor dos reaes uns dois annos; depois em Coimbra e nos seus campos em comissão da camara d'aquella cidade, por causa dos atravessadores do trigo, de que havia grande falta e de que mandou a capital carregados alguns navios, no que levou três annos; e depois em Hespanha: em Sevilha, Madrid e Malaga, até ao anno de 1638, no qual de Malaga se mudou a França. N'este meio tempo, morando ainda no reino, casara com Isabel Dias, natural de Villa-Real, que viera para Lisboa de pouca idade, filha de Ignez Dias, ambas da raça hebraica. Em Sevilha esteve despachado para ir ás Indias de Castilla, o que não se effectuou.

Chegou Villa-Real a Luão nos fins de Outubro de 1638 com o intento de comprar n'esta cidade ou n'algum dos portos do norte da França ou em Dunquerque um navio para emprender uma viagem, talvez ainda ás Indias de Castilla, por então se poderem n'aquelles logares encontrar muitos e baratos, em virtude da paz

com Inglaterra. Na empresa mercantil, em que Villa-Real tinha grande quinhão, entravam como principais interessados com dinheiro ou fazendas João Rodrigues de Moraes, e seu irmão Manuel Fernandes de Moraes, do Porto, e seus irmãos, que o eram também de Villa-Real, e parece viviam todos em Ruão. Anhou-se o navio no Havre de Graça, e comprou-se pelos fins de Janeiro de 1639; mas, por se reconhecer que era curto e covir acrescentado, Villa-Real augmentou-lhe uns vinte palmos de quilha. No concerto, nos aprestos da carga e no arranjo dos mantimentos correu o melhor d'aquelle anno, morando quasi sempre Villa-Real no Havre, mas indo algumas vezes a Ruão para conferenciar com os interessados, e a Paris por mereo passar tempo e desejos de ver a capital da França. Entrado porém o anno de quarenta, falleceu João Rodrigues de Moraes, e com sua morte mallogrou-se ainda esta viagem; pelo que Villa-Real partiu para Paris em Agosto ou Setembro.

Contrahira Villa-Real no Havre particular amizade com o governador d'ella, Fortecuyer, pessoa muito da obrigação do cardinal Richelieu, tendo por entrada essa amizade algumas noticias interessantes que lhe fornecera e haver-lhe prognosticado o ruim successo da armada de França que n'aquelle anno fora a Corsica; e Fortecuyer, ao partir Villa-Real para Paris, recomendoou-o ao poderoso ministro de Luiz XIII, o qual o recebeu varias vezes, conversando com elle acerca das coisas de Portugal e deixando-lhe quasi proceber que desejava seguir-se ao portuguezes o exemplo dos catalães e, como elles, se revoltassem contra o governo de Hespanha.

Entretanto raiou o glorioso dia primeiro de Dezembro. Sobte Villa-Real nos ultimos do mez o fausto successo e participou-o ao cardinal e aos ministros francezes, os quaes por isso lhe mostraram a maior alegria e lhe fizeram o mais agradável acolhimento. Ou por aviso do reino ou apenas de muito proprio, Villa-Real, como bom patriota, dirigiu-se pouco depois a Rochella e ali esperou até ao entudo de quarenta e um a chegada dos novos embaixadores, o montelmo Francisco de M. Ho, e Antonio Coelho de Carvalho, voltando então a Paris, por constar falsamente que elles sportariam a Marsella. Chegaram enfim a Rochella a um do qual os representantes de Portugal, e sabendo do que elle os esperara n'aquelle cidade, estiveram-lhe que importava muito ao serviço de S. M. falar-lhes antes de entrarem na corte. Acorden Villa-Real da melhor vontade; foi encontrar os a Orleans; instruiu-os do que era necessario; e encaminhou-os e acompanhou-os na primeira audiencia que tiveram em Saint-Germain, pela Semana Santa, e em todas as mais até se despedirem d'el rei christianissimo, o que foi pelo S. João do mesmo anno. E era tal a estima que Villa-Real go-

zava na corte de França que, na audiencia a que levou o bispo de Lamego, nosso embaixador a Santa B, pois também a este serviu de mentor. Pantaleão Rodrigues Pacheco, que acompanhava o prelado e devia ficar em Roma na qualidade de agente de negocios, lhe extrahiu querer retirar-se para Portugal, como tencionava fazer, sendo n'ella tão bem recebido.

Pela sabida do montelmo-nor e de Antonio Coelho de Carvalho ficou Villa-Real só em Paris representando-nos e correspondendo-se para esse fim com Francisco de Andrade Leitão, nosso embaixador em Hollanda, e com Antonio de Sousa de Macedo, nosso residente em

Inglaterra, até Setembro de quarenta e dois. Entretanto a 4 de Maio o conde da Vidigueira desembarcava na Rochella com o cargo de embaixador junto de Luiz XIII e achara ali carta de Villa-Real, em que lhe dizia estava de caminho para seguir a corte a Perpinhão; o conde porém necessitava dos seus serviços, e determinou-lhe que não deixasse Paris, porque lhe havia de remetter o presente que a rainha de Portugal mandava a de França para entregar-l'ha, e porque o incumbia de lhe arranjar casa, trens e criados; ao que elle satisfez, de modo que, ao chegar o conde a Paris, depois de ter acompanhado a corte pelo sul da França, achou tudo prompto, como desejava.

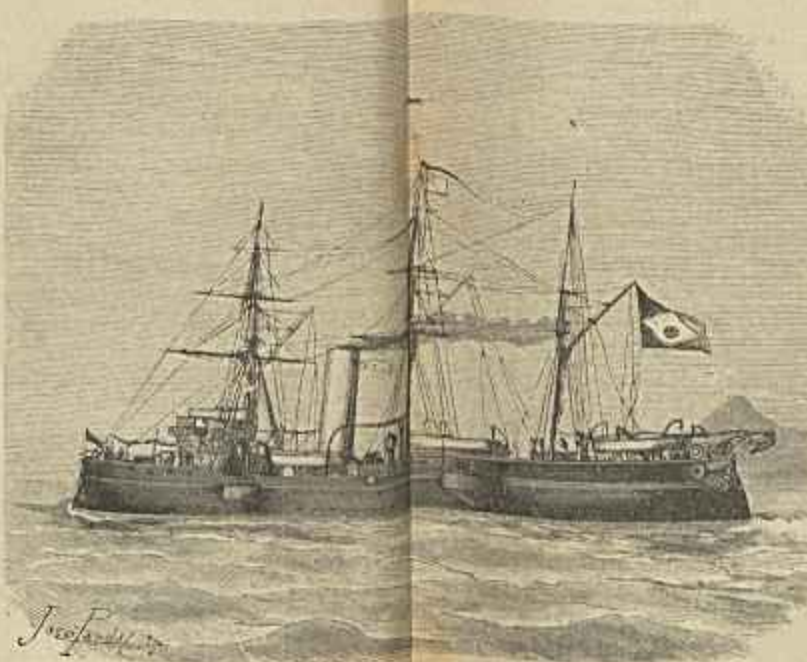
Por este tempo Isabel Duas foi de Portugal para Ruão. Quiz Villa-Real, o que era naturalissimo, estar alguns dias com a esposa; mas pela muita falta que fazia ao conde nas audiencias, differiu a partida até Setembro, depois de se realizar a primeira, a qual teve lugar a 17 de Agosto. Outro motivo levou ainda Villa-Real a retirar-se de Paris: uns certos desgostos que tivera com a familia do conde, de que adiante falaremos. Compostos ou disfarçados esses, a instancia do embaixador, voltou porém em Outubro a capital da França.

Havendo a 19 de Maio de 1643 alcançado os francezes sob o commando do duque de Enghien, mais tarde conhecido pelo nome de Condé, a grande victoria de Rocroy, ganha contra o exercito hespanhol, e tendo ficado prisioneiros muitos portuguezes que militavam n'elle, uraçãs a arruinadora e impolitica união dos dois reinos peninsulares, que nos levou, em proveito ou por causa de Hespanha, tanto ouro, tanto sangue de irmãos, tantas conquistas, diligençiou o conde com o governo francez a entrega dos nossos compatriotas, e n'estas diligencias ajudou Villa-Real dois mezes, até fim de Setembro do dito anno, sendo encarregado de lhes ir dar a liberdade.

Ultimado tão importante negocio, foi Villa-Real descansar um mes a Ruão na sua casa; mas logo depois voltou a Paris com o fim de aguardar e servir ali com o seu prestimo e experiencia o marquez de Cascaes, que D. João IV enviava por embaixador extraordinario a apresentar, posto que tardamente, os pezaes ao novo rei Luiz XIV da morte do rei seu pae, sahindo d'aquelle cidade só pelo S. João de quarenta e quatro, para acompanhar o marquez, que recolhia ao reino, até Orleans.

No mez de Julho encontramos-o outra vez em Ruão; e nos tres ultimos mezes do anno em Morv com o conde da Vidigueira, por estar a corte em Fontainebleau; nos primeiros de quarenta e cinco novamente em Ruão, tratando do processo que os portuguezes em França lhe haviam movido, por se opporem a que elle exercesse o lugar de consul, para que fora no-

### OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL



*João Francisco*

O CRUZADO REPUBLICA.



VISTA PANORAMICA DA CIDADE DE S. PAULO

(Cópia de um desenho do fallecido portuguez sr. Antonio Lopes Mendez)

meado no anno antecedente; no verão indo com o embaixador a Nossa Senhora de Liesse e a muitos lugares da Champanha e Picardia, e depois a Ruão e ao Havre; no resto do anno em Fontainebleau e em Ruão, occupado com o dito processo e imprimindo alguns livros, como adiante veremos; em Janeiro de quarenta e seis em Paris diligenciando livrar os commerciantes e em especial os portuguezes das taxas e contribuições que se lhes podiam, o que felizmente alcançou; e em Fevereiro acompanhando o embaixador, que se retirava para o reino, até Nantes, onde esteve com elle parte da Quaresma, indo por sua ordem a Brest e

a Roscoff para fretar o navio que devia conduzi-lo. A Paschoa d'esse anno passou-a em Ville-d'Avray. Embarcado o embaixador, tornou Villa-Real a Paris no fim de Maio; foi estar em Ruão uns vinte dias; e, voltando a Paris, viu-se obrigado a carregar só com o peso de todos os negocios tocantes a Portugal, por causa da molestia do residente Antonio Moniz de Carvalho, a cujo zelo elles haviam ficado entregues pela retirada do conde, sendo um d'esses negocios o dos navios que D. João de Meneses tomou indo por general da primeira esquadra que mandamos de soccorro a França. Outro que também muito o occupou foi o

recebido porém a seis de Janeiro de quarenta e sete avião seu de como chegara, foi-o no dia seguinte buscar pela posta a distancia de sessenta leguas. Com o marquez residiu Villa-Real até a semana de Lazaro, passada a qual, se retirou para Ruão, onde se demorou até aos fins de Junho; d'ali tornou a Paris, onde o vemos até Janeiro de quarenta e oito; e d'ali voltou a Ruão, onde esteve até fins de Agosto, occupando-se todo este tempo já no arranjo da embaraçada casa commercial de Antonio de Caceres, a rogo dos compromettidos n'ella, no que servia os seus interesses particulares e os da fazenda real na mesma casa enredados. Já nas suas obrigações de consul, já na questão de João Saint-Pé que ainda durava, e na qual o ajudou o marquez de Niza. Com a vinda porém de um seu sobrinho andou de Paris para Ruão e de Ruão para Paris, encaminhando-o na compra de grandes partidas de seda, que o dito seu sobrinho enviou ao reino. De Ruão chamou-o no fim de Outubro o marquez de Niza, e na casa d'este morou em Paris e em Saint-Germain até sexta feira de Ramos de quarenta e nove, em que foi aquella cidade despedir-se de sua familia, por que vinha para Portugal com o embaixador, o qual partira de Saint-Germain na segunda feira da 8ª-mana Santa. Finalmente embarcaram ambos em Saint-Nazaire a 25 de Abril e a 30 chegaram a Lisboa (\*).

recebido porém a seis de Janeiro de quarenta e sete avião seu de como chegara, foi-o no dia seguinte buscar pela posta a distancia de sessenta leguas. Com o marquez residiu Villa-Real até a semana de Lazaro, passada a qual, se retirou para Ruão, onde se demorou até aos fins de Junho; d'ali tornou a Paris, onde o vemos até Janeiro de quarenta e oito; e d'ali voltou a Ruão, onde esteve até fins de Agosto, occupando-se todo este tempo já no arranjo da embaraçada casa commercial de Antonio de Caceres, a rogo dos compromettidos n'ella, no que servia os seus interesses particulares e os da fazenda real na mesma casa enredados. Já nas suas obrigações de consul, já na questão de João Saint-Pé que ainda durava, e na qual o ajudou o marquez de Niza. Com a vinda porém de um seu sobrinho andou de Paris para Ruão e de Ruão para Paris, encaminhando-o na compra de grandes partidas de seda, que o dito seu sobrinho enviou ao reino. De Ruão chamou-o no fim de Outubro o marquez de Niza, e na casa d'este morou em Paris e em Saint-Germain até sexta feira de Ramos de quarenta e nove, em que foi aquella cidade despedir-se de sua familia, por que vinha para Portugal com o embaixador, o qual partira de Saint-Germain na segunda feira da 8ª-mana Santa. Finalmente embarcaram ambos em Saint-Nazaire a 25 de Abril e a 30 chegaram a Lisboa (\*).

(Continúa)

ILUSTRADO

### O TORNADIÇO

Romanço historico

PELO

MORG. DE FORTINHAES

(Continuado de numero 558)

X

Novos annos correram. Em 1670, D. Pedro de Lara já com tres filhos varões, habitava tranquilamente em uma quinta, a duas leguas de Braga, magnifica herdade com tradições solerengas que D. Marianna da Silva, sua mulher, tinha trazido em dote.

O padre Lopo fallacera tres annos antes, ao lado d'elles, exhausto pelos seus 85 annos, tendo ainda a bilaciar os ultimos lampejos da sua velhi-

algumas; em que o filho relatando-lhe o procedimento desical dos tios de Lisboa, lhe offercia os seus haveres, no caso de que alguma necessidade lhe dificultasse a vida no exilio.

Posto que este obstinado silencio indiciasse mais ou menos a morte de seu pae, ou então a sua transferecia a outro paiz, D. Pedro de Lara não se cansava de indagar quer por meio de hebreus regressados da Hollanda, quer enviando cartas a ventora, todas as vezes que a occasião era propicia. Todavia nenhum esclarecimento importante premiara ainda as suas diligencias.

Assim passava o tempo, sem que outro desgosto annuvasse a pacifica existencia da familia. Os rapazes cresciam, desenvolvendo já indolles diversões: os dois mais velhos, Lopo e José tinham herdado do pae essa melancolia vaga e meiga, amando de preferencia a companhia da mãe e de uma velha am que lhes contava historias a turbulencia verdadeiramente infantil que o irmão mais novo punha em todos os folgedos. Este, Pedro, do nome do pae, era inteiramente contrario á manidão feminina dos irmãos mais velhos. A sua infancia cheia de vida, com vivacidades audaciosas, amando apenas coisas excessivas simulacros de guerra, torneios, saltos e cavalhadas em que as cadeiras da casa e os irmãos eram arrastados e maltratados de parcaria, era com um reflexo da meninice rebelde com que D. Balthazar, seu avô, puzera em sobressaltos a familia e o mestre dominicano.

D. Pedro de Lara pensava isto mesmo, e, não raro, em confidencia a esposa, mostrava o receio de que o futuro de aquella rapaz lhe viesse a causar tantos desgostos, como seu pae causara a seu avô.

— Se tem de succeder isso, — dizia elle, — Deus me leve antes.

D. Marianna da Silva contrariava-o:

— Ora! então por o pequeno ser alegre e inquieto, ha-de necessariamente praticar as insanias que teu pae praticou!

— Não digo bem isso... Mas estes genios, assim como o do Pedro, não são os mais vezados á boa sorte. Gostaria que elle antes fosse como os irmãos mais velhos.

— Sim... Mas olha que nem sempre aquelles

ce, os bisnetos de sua irmã, cujo primogenito ainda apadrinhara no baptismo.

Cartas de D. Balthazar, havia muito tempo que não appareciam; nem mesmo viera resposta a

(\*) Não deixa de despertar algum interesse a nota escripta por Villa-Real acerca das mercadorias que teve em França. Foram ellas em 1639 e em parte de 1640 no Havre em casa de Neville e Laquillote; no resto de 1640 em Paris na rua Greater 8. Lazaro, na semana que tinha por insignia a Parella; em 1641 e 1642 na dita rua, em casa de um cirurgião chamado Baptista; de 1643 a 1646 na rua Michel de Carpele, na casa que tinha por in-

signia a cidade de Marsella; parte de 1647 nas casas que foram de Elzeu de Antonio de Caceres, na rua de S. Martinho; em 1648 na rua de Bastei, em casa de um sujeito chamado Le Roy, que tinha por insignia a cidade de Calais; e o mais tempo em casa de mercaderes de Niza e em jornadas. Nas jornadas em França já então havia lido sobre se punitiva os nomes dos hospedes e a tempo que Villa-Real

(\*) Arch. Nat., Chron. do dito rei, L.º 14, fol. 312.



D. Pedro sorriu e disse com modo especial :

— Sim, sei...

Este sorriso, lançado á evocação do sogro, era justificado pela epopeia galante que na maior parte dos conventos do paiz, celebrava triumphalmente o nome de D. Fernando da Silva. Em particular nos mosteiros do Minho, o fidalgo sacrificara ao fogo da sua mocidade, os corações das mais lindas freiras que agora, sexagenarias convictas se offereciam por fim a Deus para as nupcias celestes, protestando fidelidade e arrependimento. Umas santas.

Entre estas esposas do Senhor, uma que D. Fernando sinceramente adorara, tinha-lhe dado secretamente, em premio do seu amor, duas lindas creanças que elle, tanto de aventura e romance, ambas recebera das mãos de uma creada confiante, por certa porta occulta da cêrca, levando-as sob a capa, a todo o galope do murzello. Mas ao entregarem-lhe a segunda creança, deram-lhe igualmente a noticia do fallecimento da mãe que pagara com a vida o delicto de aquelle segundo parto. O fidalgo, doridamente impressionado pelo successo, abriu um interregno de paz nas suas aventuras, e perfihou as duas filhas. D'estas, a primeira casara com um fidalgo oriundo de Vianna, descendente de um collateral da casa de Val de Bouro; a segunda, era D. Mariana da Silva, esposa de D. Pedro de Lara.

Já vê o leitor que o sorriso com que este acolhera as palavras de sua mulher, era de facil justificação, sabendo-se de mais a mais, que D. Fernando, longe de se reconhecer então vencido pelos seus 60 annos, ainda continuava a desfolhar rosas de galanteio nos locatorios celebres pela belleza das noviças. Comtudo já não passava do locatorio adiante; era inoffensivo.

Entretanto o inverno d'aquelle anno de 1670, vinha chegando ameaçadoramente, com borrascas e temporaes que fustigavam o ar de chuvas violentas, dando á paysagem ainda pouco antes animada pelas colheitas, a desolação tragica d'um paiz talado por guerras.

Certa noite de dezembro, D. Pedro de Lara relatava á esposa os episodios escandalosos do casamento do rei jurado, D. Pedro II, com sua cunhada Maria de Saboya, — celebrado em Lisboa dois annos antes, episodios narrados por uma carta que n'aquelle dia recebera de D. Fernando da Silva, — quando no portão da quinta soaram algumas pancadas violentas.

— Oh! quem quer que seja, traz pressa! — exclamou o fidalgo interrompendo-se. E mandou o laçao saber que extraordinaria visita era aquella que perturbava a tal hora, o socego da sua casa. Ventava rijamente. Nas rotulas das janellas a chuva batia com impeto, entre os uivos da nor-tada.

O creado Domingos desceu ao pateo que separava a casa do portal de entrada, com um lampeão n'uma mão e um bacamarte na outra. Os cães de guarda, arremettiam furiosamente contra a porta, onde o visitante já fizera soar mais duas pancadas.

— Chô, leão! Arreda, castor! — bradava o laçao, despedindo pontapes á cançoada. E sem abrir a porta, o bacamarte em riste, perguntou: — Quem está lá?

— Um homem perdido nos caminhos, que pede albergue para esta noite, — respondeu de fóra uma voz humilde.

O creado, ainda com o bacamarte em diffensiva, abriu a porta; aquella casa nunca se negava aos deveres de hospitalidade. Um homem idoso, vestido grosseiramente de burel, entrou.

— Deus vos salve, irmão! — disse elle.

— Um frade! — exclamou o servo, admirado.

— Um penitente, apenas, — emendou o desconhecido — Vêde se me daes um pouco de lume para secar estas roupagens. A chuva é tanta, que não trago migalha de corpo sem agua...

— Pois então vinde, vinde depressa, irmão, que na lareira da cozinha ardia bem bom fogo quando eu de lá sahi, ainda agora.

— Mas não quereis ir primeiro dizer ao vosso amo?...

— Não é necessario. Todos os servos d'esta casa tem ordem para bem acolher quaesquer viajantes. Vinde, vinde.

O desconhecido seguiu o laçao, e bem depressa se installou junto á fogueira que ardia no lar, entre a curiosidade sobresaltada da creadagem.

Era uma bella figura de velho; barbas brancas pendentes, que a ventania emaranhava; e um certo talhe de perfil, certa nobreza de physionomia que visivelmente não se harmonisava com a humidade plebeia do vestuario que trazia aconchegado ao corpo magro e ligeiramente adunco. Sentado n'um escabello ao pé do lume que lhe affogueava sanguineamente o rosto cansado, não era

raro surprehender-lhe, quando a quando, olhares nervosos, de uma avidez quasi febril, como procurando alguém entre os servos que o olhavam demoradamente, com perguntas compassivas sobre o jornadear da sua penitencia...

Entretanto, o laçao Domingos tinha ido annunciar a chegada do velho a D. Pedro de Lara. O fidalgo, ouvindo que o hospede era velho e vinha alagado da chuva, mandou-lhe novas roupas para substituir as que trazia, e ordenou ao servo que cuidasse em dars-lhe boa cama e boa meza, como em taes casos era costume. Domingos desceu á cozinha a executar as ordens do amo; e quando entregava ao velho as roupas, ficou attonito, ouvindo a estranha pergunta que elle lhe dirigia.

— Ouvi; vosso amo é bom?

A voz era anciada, e o olhar luzia lhe entre as pestanas brancas. E como o creado não respondesse logo, elle repetiu, com maior vivacidade ainda:

— Não ouviste?... Vosso amo é bondoso?

— Ouvi, irmão, ouvi; mas vós parece que estaes a mangar.

— A mangar?... Porque?

— Pois vós perguntaes me se meu amo é bom, e não vêdes que elle por saber que tendes as roupas molhadas vos manda outras; que vos dá lume e que me ordenou vos fizesse boa cama e boa meza!...

— E poderei vêr hoje o senhor D. Pedro?

— Sabeis-lhe o nome?

— Disseram m'ó... Mas poderei vel-o hoje?

— Hoje não será muito certo, mas amanhã, sem duvida. Vamos, irmão, tirae essas roupas que estão a pingar, e vinde ver se vos agrada a ceia que já fumega na meza, feita pelas mãos de Joanna Samba que é a moça de mais lindos olhos e de mais lindas obras que tem toda a freguezia.

(Continúa.)

## LENDA DE IGNEZ DE CASTRO

(CARTA FAMILIAR)

(Concluido do numero 552)

IGNEZ DE CASTRO

### A VINGANÇA!

PESSOAS :

D. Pedro  
D. Affonso IV  
Coelho  
Pacheco  
Gonçalves  
Um mendigo  
O D. Prior de Santa Cruz  
A abbadessa de Santa Clara  
O vereador da Camara de Coimbra  
O Juiz do Povo  
O Reitor da Universidade  
N. de Castro irmão de D. Ignez  
Os Infantes D. João e D. ...  
O D. Abbadé de Alcobaça  
O Bispo de Bragança

PLANO

Acto 1. D. Affonso decrepito nos paços das Escholhas, Coelho e Pacheco — O pobre da Esmola D. Pedro em Sancta Clara, etc. — Corre a guerra civil. D. Affonso invoca sua Mãe Santa Isabel — A Camara de Coimbra pede a cessação da guerra. Oppõe-se os conselheiros.

Acto 2. Cessação das hostilidades D. Affonso em Sancta Clara — Entrevista de pae e filho — Morte de D. Affonso; morre pedindo ao filho que perdoe — Não jura o filho — Acclamação de D. Pedro — Côro de Freiras.

Acto 3. Fugiram os conselheiros. Sancta Cruz, camara de Coimbra, com as chaves — Insignias reaes trazidas porque as não quer pôr — Declara que é outro que será coroado — Côro de Frades cruzios. Um pagem falla ao ouvido. Foram apanhados os conselheiros — O algoz, o cadafalso.

ACTO I

Vista do largo dos Paços Reaes (hoje dictos das escolhas) Ao lado direito o frontispicio dos Paços — A esquerda a vista da outra banda do Mondego, com o convento de Sancta Clara etc. A parte da

1 IGNEZ DE CASTRO — Projecto do Drama, e rascunho das primeiras scenas do primeiro acto; existente entre os autographos do V. de Almeida Garrett.

ponte e da quinta chamada das Lagrimas etc. No fundo a capella.

SCENA I

COELHO, PACHECO, GONÇALVES, DIOGO

Está aberta a capella, entram e sahem alguns ministros inferiores com seus veus roxos — alguns grupos de povo, de estudantes, de gente do campo, de criados do paço, de soldados, de mendigos se vão formando pouco a pouco no largo. E de madrugada. Abrem-se progressivamente as janellas e portas do paço, á esquerda; na balustrada tres pessoas que parecem de condição superior passeiam, olhando de vez em quando para os grupos de gente que se vão juntando. A orchestra continua na introdução em quanto se vai ordenando a scena. Um grupo de cegos mendigos se aproxima da balustrada. Diogo está entre os mendigos.

.....  
.....  
.....

Pacheco. 1 — Que dizes?

Diogo. — Que vos ponhais o salvo, e já, quando não, não tereis tempo. — Por isso mesmo que sabem (os do povo) a culpa que tem para com o Infante, por isso querem fazer as pazes com elle e entregando-vos a vós. O ajuste está feito e...

Pacheco. — E El Rei!!

Diogo. — Não ouviste a cantiga dos meus cegos? El Rei é rei e é pai.

Pacheco. — Mas D. Ignez não era...

Diogo. — Não sei o que ella era, meu senhor. Mas o Infante D. Pedro é filho de El Rei D. Affonso e seu successor. El Rei está gravemente doente, e o povo já lhe cheira a rei novo. Não sabeis o que isto quer dizer para ministros velhos?

Pacheco. — Tens razão. É preciso...

Diogo. — Senhor, eu vou-me, que vos estou perdendo e desservindo com este conversar. Tormae o meu aviso ou não, fazei o que quizerdes; o pobre mendigo que ha muitos annos soccorreis, pagou a sua divida de gratidão. Não sei o que vós sois para com Deus ou para com o Sr. Infante que Deus guarde, para mim sois o meu bemfeitor. Deus vos tenha em sua guarda.

Pacheco. — Espera. — O meu unico amigo na hora da tribulação. Na prosperidade... Porque os não grangeei eu na prosperidade, quando me não custava nada a fazel-o? Toma.

Diogo. — Para que é tanto dinheiro, senhor?

Pacheco. — É uma divida — Muito pequena parte d'uma grande divida. Não tenho a quem a pagar senão a ti. Recebe-a sem escrupulo.

Diogo. — Senhor!

Pacheco. — Vae-te, vae-te. E roga a Deus por mim. (Diogo retira-se.) E ao menos haverá na terra uma voz que se levante por mim até o throno do Altissimo. O cego tem razão, estou... estamos todos perdidos. E quasi que já nenhum tempo... Que brados são estes?...

SCENA II.

ouve-se dentro cantar no templo

Senhor Deus, Misericordia.  
Senhor Deus, Misericordia!

(Todos os actores que estão na scena accodem ao lado d'onde se ouvem os brados)

Pacheco (ao pagem). — Vae ver o que isto é, e corre a dizer m'ó á camara d'El-Rei donde vou. Parto. Meu Deus!

Uma voz do povo. — Viva El-Rei D. Affonso! Deus lhe dê muita vida para nosso amparo!

Povo. — Viva El-Rei D. Affonso!

Coelho. — Senhor, a opinião do publico ainda é por nós. Aproveitemos a occasião favoravel, castigemos os — amotinadores os cabeças da desordem e...

Rei. — Não quero mais castigos, não quero mais criminosos. Quero uma hora de paz antes de morrer.

Um do povo. — Paz, senhor! Paz é o que todos queremos e pedimos.

Outra voz. — E o castigo dos traidores.

Povo. — Os traidores!

O juiz do povo. — Senhor!

Rei. — Quem és tu?

Juiz. — O juiz do povo da nossa cidade, de Coimbra, senhor. E permitti que vos falle em seu nome.

Um do povo. — Falle o nossô juiz por nós.

1 Fragmento final da 1.ª scena do 1.º Acto.

Povo. — Falle o nosso juiz.

Rci. — Como te chamam?

Juiz. — Lourenço Ramos.

Rci. — E ainda és juiz do povo?

Juiz. — Tornei a ser eleito, a merecer a confiança...

Rci. — D'este pobre povo que ha seis annos capitaniaste nos terriveis alborotos que abalaram esta cidade e todo o reino, quando me pediste, quando exigiste a morte d'aquella desgraçada a quem eu tinha perdoado. Perdoado, meu Deus! Qual era o crime da infeliz! Amar o meu filho. E conseguistelo. E eu tive a fraqueza... Se m'o perdoou Deus!

Pacheco. — Senhor!...

Rci. — Calae-vos, que sobre vossas cabeças está o sangue da innocente, mais que sobre a minha.

Apresentado este fragmento de Garrett, compete-me com este epilogo pôr termo ao meu trabalho, que só encetei por obediencia ao seu convite, a que accedi constrangido. No que lhe disse n'esta carta não ha de certo novidade, e só a fórma epistolar que adoptei desculpára os meus defeitos, porque uma carta por si propria argue simplicidade; não é tractado; mas conversação desprezível, não tem foros academicos ou fumaças didacticas, mas um recato domestico, um conchego familiar de gabinete que gera a expansão espontanea e desafogada do pensamento.

Peço lhe que tome as cousas n'este sentido, que só assim se poderá entender bem o que fica expellido n'essas poucas paginas que lhe endereço.

A. A. DA FONSECA PINTO.

## OS MEUS LIVROS

XXVII

Ferreira—Deusdado! Quem no meio litterario e pedagogico não conhece este nome?

Desde a appareição da sua *Revista de Ensino*, onde escreve tudo que a sciencia portugueza tem de mais selecto, e de que Ferreira Deusdado tem de director, até á brilhante figura que este nosso compatriota fez no *Congresso penitenciario* da Russia, tem efficazmente o notavel professor, estabelecido os seus creditos de verdadeiro homem de letras.

Agora temos sobre nossa banca de trabalho a sua *Corographia de Portugal*, illustrada com cinquenta gravuras e vinte mappas a côres.

Os mappas referidos ao continente são assim determinados pelo auctor: — *diactologico geologico hydrographico, hypsometrico, orographico e politico*.

Das ilhas adjacentes temos: archipelago açoriano e madeirense.

Das colonias: archipelago de Cabo Verde, districto da Guiné, ilhas de S. Thomé e Príncipe, provincias de Angola, Moçambique, Estado da India (Goa, Damão e Diu), Macau e Timor e um interessante mappamundi destacando, a côr, Portugal e suas colonias.

O methodo de ensino é o mais simples que conhecemos. O professor começa por ensinar aos alumnos o que é *carta* e *planta* e habilitando-os a construí-la, e, quando passa á *orientação* ou conhecimento dos pontos cardeaes e seus intermedios, o alumno fica também incidentalmente sabendo o que são as constellações que determinam a existencia do hemispherio boreal e austral. Entra na nomenclatura geographica e chorographica, e aqui, acompanhado de gravuras elucrativas, o leitor, fica conhecedor da *zerographia* e *hydrographia* de qualquer paiz.

Ao entrar na geographia physica, o sr. Ferreira Deusdado, circumscreve se ao seu objectivo: isto é: situação, limites e dimensões de Portugal.

Assim, temos Portugal orographico com curvas de nivel, classificado em tres systemas: *transmontano, beirense e transtagano*; — Portugal hydrographico, por bacias fluviaes, como Ave, Cávado, Douro, Guadiana, Lima, Minho, Mira, Mondego, Sado, Tejo e Vouga. Estes dois mappas e o do mappamundi são executados por um processo inteiramente novo e pela primeira vez posto em pratica em publicações d'este genero.

Vem depois a configuração das costas de Portugal; seguindo este trabalho, um mappa hypsometrico relativo a altitudes do reino a tres gradamentos de côr e elaborado por forma irreprehensivel.

Lêmos também o *estabelecimento* de todos os nossos portos do continente com as respecti-

vas unidades de altura maxima e minima, as zonas climatericas, a flora, a fauna, hydrologia; — na *geographia politica* é muito interessante a parte referida á nossa prehistoria, historia, ethnographia e glottologia.

O processo seguido pelo sr. Ferreira Deusdado para o continente é o mesmo que encontramos na descrição das ilhas adjacentes, acompanhado de um pequeno mappa, colorido, muito bem feito.

Mas... entremos na parte mais sensacional do estudo do nosso amigo Ferreira Deusdado, é o *Portugal Ultramarino*.

E' a ultima parte da *Corographia* do sr. Ferreira Deusdado.

Aqui se podem applicar as palavras sagradas de que «os ultimos serão os primeiros», pois que de facto, em livro para instrucção, para escola, para ensino um pequeno manual como chamariamos á parte colonial do trabalho do nosso amigo Ferreira Deusdado, é o melhor de toda a *Corographia*.

E dizemos assim porque é assombrosa a maneira como ali estão esfuçando os trabalhos dos nossos navegantes, esses descobridores de paragens desconhecidas; dos modernos expedicionarios esses pioneiros da sciencia e da civilização! Como que rehentando de cada capitulo um livro, de cada pagina dezenas de relatorios, de cada periodo um incentivo á posse absoluta e definitiva de todas aquellas riquezas, que são também um sagrado patrimonio.

Porque a verdade é esta:

A simples leitura do *Portugal Ultramarino* faz com que a maior parte dos livros dos nossos exploradores á Africa austral, geralmente peados e pouco attraentes, sejam procurados com avidéz, em seguida á leitura d'estas paginas de ouro, escriptas com penna nobremente portugueza e que sabe vibrar as fibras mais reconditas dos descendentes dos grandes navegadores.

Também não esqueceu o auctor, o que temos sempre aqui affirmado, no OCCIDENTE, e em reuniões publicas; isto é: que nada faremos em Africa sem grandes auxilios, e o principal não pôde ser senão o emanado de aquellos que fazem da sua Fé a luz, o amor e a caridade, não pensando na guarda da vida, porque ha muito a offerta ram ao Redemptor.

Missionarios! missionarios! todo o auxilio é pouco para christianisar as nossas possessões ultramarinas.

E' esta a opinião de Henrique de Carvalho, o nosso querido africanista, assim também pensam todos os homens de Estado que uma vez pizaram o solo de nossas colonias.

E' pois com o coração alvorçado de alegria que transcrevemos estas palavras do nosso illustrado amigo, o sr. Manoel Ferreira Deusdado: «Ninguem com razão poderá desdenhar da sublimidade e salutar efficacia dos missionarios christãos, produzida pelo amor de Deus e para bem da humanidade. Os verdadeiros estadistas conhecem o seu alcance».

Mais áleante diz o mesmo auctor: — «A nossa historia ecclesiastica ultramarina, que está por fazer, devia lançar grande esplendor na importância expansiva e intensiva da Igreja lusitana. Prelados portuguezes cingiram a mitra nos seguintes bispados: Ceuta, Tanger, Safim, Marrocos, patriarchado da Ethiopia ou Abyssinia; bispado de Pequim, de Naquim, do Japão.

«No antigo bispado de Malaca ainda temos um vicariato, Em Ormuz e nas ilhas Molucas perdemos também todo o dominio espirital, como o perdemos na Arabia, na Tartaria, no Thibet, Corêa, na Cochinchina e no Tonquim. Por todas essas terras os missionarios do Evangelho engrandeceram o nome portuguez. As nossas missões da America são de uma grandiosidade épica».

Estamos satisfeitos, não nos podiam pôr melhor condecoração ao peito *Por todas essas terras os missionarios do Evangelho engrandeceram o nome portuguez*.

Foi o thema que desenvolvemos nos banquetes politicos de 19 de setembro de 1892 e em igual data d'este anno de 1893.

Diz mais o illustre escriptor e nosso amigo. «As nossas missões da America são de uma grandiosidade épica».

Quando aqui, n'este mesmo periodico escrevemos sobre o livro *Notas para a historia do Ceará* do dr. Guilherme Studart, o que dissemos nós?

«O padre fazia o bem só para servir a Deus, sacrificando a vida sempre que o bem geral o reclamava; e praticavam n'ó com uma tal simplicidade, que só tinham echo esses feitos heroicos,

«nos peitos d'aquelles que também os acompanhavam no sacrificio por Deus e pela Patria.» (OCCIDENTE de 1 de julho 1893).

Como é bom dizer sempre a verdade e só e verdade.

Escusado será dizer que a edição da *Corographia de Portugal* é da casa Guillard, Aillaud & C., e assim se explica que seria ocioso dirigir lhe encomios.

MANOEL BARFADAS.

## ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES

(Continuado do numero 553)

O *Gymnote* construido em 1887 pelos planos do engenheiro de construcções navaes Mr. Gustavo Zedé, francez, tem a forma d'um fuso, mede 17<sup>m</sup>,20 de comprimento, 1<sup>m</sup>,80 de diametro maximo e 30 metros cubicos de deslocamento. Na parte superior, e a meio proximoamente, tem uma cupula guarnecida de vidros ou vigias.

E' munido d'um aparelho optico, o periscopio, formado d'um tubo com perto de um metro de comprimento, tendo na sua parte superior, convenientemente adoptado, um prisma de reflexão total enviando os raios luminosos sobre uma lente que transforma o feixe luminoso conico em cylindrico e o dirige sobre um espelho collocado na base do tubo, d'onde então é reflectido para a ocular. Este tubo pôde fazer-se sahir ou recolher dentro do barco.

O motor é a electricidade contida em accumuladores, o qual lhe pôde dar uma velocidade maxima de nove milhas por hora durante cinco horas.

A descida e a subida são determinadas pela accção de dois lemes horisontaes, collocados lateralmente na pópa, depois de obtida a conveniente immerção pela admissão d'agua.

O ar respiravel é renovado por meio de ar comprimido contido em depositos especiaes, os quaes comportam um aprovisionamento d'ar sufficiente para a guarnição durante seis horas.

A direcção debaixo d'agua é-lhe dada pelo gyroscopio.

Este barco foi lançado ao mar em 1888 e experimentado com cinco homens de guarnição.

Em julho do anno passado foi lançado ao mar, em Toulon, um outro submarino d'este systema, cujo deslocamento é de 266 toneladas, com oito homens de guarnição, armado com dois tubos para lançamento de torpedos automoveis, e também movido pela electricidade.

O *Gymnote* tem sempre um pequeno excesso de fluctuação, de forma que não pôde manter se parado entre aguas como o *Goubet*.

(Continúa)

Grumete.



## REVISTA POLITICA

Depois de longos trabalhos e locobrações do governo e seus enviados ao comité dos credores dos caminhos de ferro portuguez, em Paris, sempre conseguiu o mesmo governo e os seus enviados concordar em tudo o que os ditos credores queriam, o que não deixa da ser um bom negocio e ao mesmo tempo uma victoria, d'aquellas que se dão ao diabo pelo amor de Deus, como tudo que não se pode haver.

E' necessario confessar, para abono da verdade, que o governo não se envaldeceu com o resultado dos seus trabalhos n'este negocio e tem razão, porque toda a gente sabe que elle teve de aceitar o que lhe impozeram, o que se não é inteiramente favoravel para Portugal, é, pelo menos, favoravel para os credores, para não deixar de ser favoravel para alguém.

O mesmo se poderá dizer com respeito ao negocio Harsent, respeitante ás obras do porto de Lisboa, em que por ultimo ainda ha uma arbitragem, o mais a que se conseguiu chegar, para o governo não ter que ceder por uma vez de todas as suas razões e direitos.

Estes dois negocios importantes, que por algum tempo carregaram os horizontes entre Portugal e a França, terminaram em santa paz, o que, se não foi de grande vantagem para as finanças portuguezas, teve, emfim, a vantagem de não perturbar as boas relações entre os dois paizes.

E assim vamos atravessando os tempos, à mercê d'estes e outros baldões, sem norte e sem rumo, sem sabermos o que será o dia de amanhã, n'esta imprevidencia que caracterisa o nosso viver.

A imprevidencia é a nossa feição mais característica, em tudo se revela desde o viver particular até á administração publica.

E' essa imprevidencia que nos leva a attentar contra os nossos interesses, sem calcular as consequências das nossas leveandades.

Ah! temos mais uma prova, e bem recente, na leveandade com que se levantou o grito de haver o cholera em Lisboa. Era uma questão de moda, o cholera tinha visitado n'estes ultimos annos as principaes cidades da Europa, e Lisboa não podia ficar no esquecimento; além d'isto a politica podia tirar algum partido d'este cholera previdente, e então era aproveitar a circumstancia de terem apparecido algumas diarrheas em Lisboa, para desde logo se classificar de cholera a doença reinante, que não era outra que a que todos os annos por este tempo apparece.

Os effectos d'esta leviandade não se fizeram esperar, e os prejuizos que o tal suposto cholera não fez, desimando a população de Lisboa, fel-o o alarme levantado, chegando até ao estrangeiro, que nos fechou os portos incluindo o Brazil.

O governo por seu lado, tambem aproveitou o ensejo para não abrir o parlamento antes do 1.º de Outubro; invocando para isso a ameaça que pendia sobre os nossos intestinos de uma molestia suspeita, e tudo enfim se preparou para receber a visita do terrivel hospede asiatico.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**O Livro de Job em versos portuguezes**, por Candido de Figueiredo. Lisboa, Livraria Ferreira, 133 Rua Aurea 138 — 1894. Um volume de 189 paginas e 2 de indice, in-8.º, nitidamente impresso.

É um verdadeiro serviço litterario a traducção d'este livro não obstante estar de ha muito traduzido em todas as linguas cultas. Estava reservado ao infatigavel cultor das boas letras portuguezas o sr. Candido de Figueiredo, esta tarefa difficil de que sahio valorosamente.

O OCCIDENTE já teve a honra de ser favorecido com um trecho d'este livro, com que o seu auctor amavelmente nos brindou ainda antes de estar publicado.

Não nos parece, porém, demasiado, o reproduzirmos hoje um capitulo d'este livro, para melhor o leitor avaliar toda a singeleza e doçura da poesia oriental; que o sr. Candido de Figueiredo teve arte de transportar para a nossa lingua, conservando-lhe o seu caracter singular.

É do primeiro capitulo o que se vai ler.

### CAPITULO I

**Da virtude e riqueza de Job.  
Com permissão de Deus, é tentado por Satanás.  
Perda dos seus bens e dos seus filhos**

Na terra de Hus, um homem justo havia que se chamava Job. A Deus temia

senão eu, que, tremendo,  
a má nova te dou.»—

Quando ainda falava o mensageiro,  
veio um terceiro  
e foi contando: — «As hostes dos caldeus  
roubaram todos os camelos teus,  
e mataram os guardas ferozmente,  
salvando-me eu sómente.»—

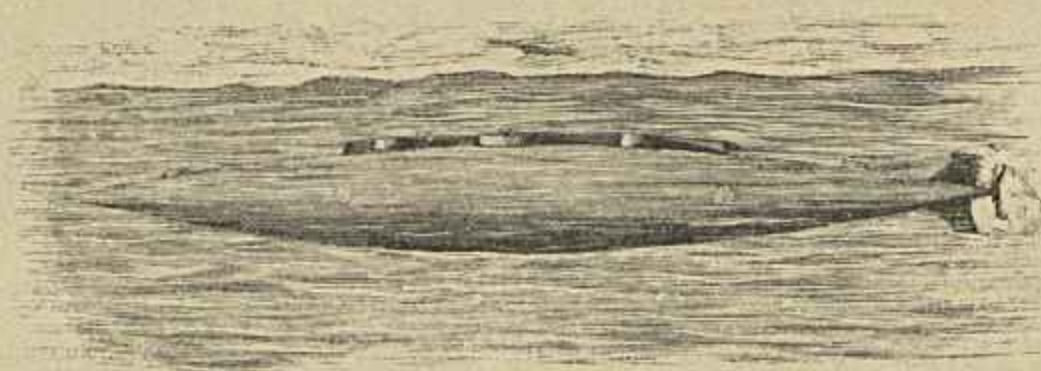
Ainda este falava, eis que apparece  
um mensageiro mais, que lhe anuncia:

— «Banqueteavam-se, cheios de alegria,  
os teus filhos e filhas, na morada  
do mais velho, e, de súbito,  
um furacão violento assalta a casa,  
e a faz tremer, e a arrasa.  
A derocada  
teus filhos sepultou  
Da catástrofe ingente  
escapei eu sómente,  
e a má nova te dou.

Job então levantou-se,  
os vestidos rasgou,  
os cabellos cortou,  
no frio chão prostrou-se,  
e ao Senhor adorou.»

E disse: — «Nu saí do ventre materno,  
nu deixarei a vida, e não admira:  
Deus concedea-me muito, e Deus o tira.  
Se é pois do seu agrado que o mortal

## ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES



### O SUBMARINO GYMNOT

Uma tempestade dentro de um copo d'agua.

Se o governo portuguez procedeu assim, não nos devemos admirar que as nações estrangeiras tomassem a serio as declarações dos sabios de cá.

Verdade seja que tanto a França como a Inglaterra abriram pouco depois os seus portos ás procedencias de Portugal, porque souberam, ainda antes dos sabios se contradizerem, que a doença que graçava em Lisboa não era o cholera nem coisa que com elle se parecesse, mas o Brazil é que ainda conserva os seus portos fechados a todos os generos portuguezes que para lá exportamos, o que traz ao commercio das nossas praças prejuizos incalculaveis.

E tudo isto se está passando entre nós, como mais uma calamidade que fomos buscar por nossas mãos, parecendo serem poucas a que já affligiam o nosso paiz.

Decedidamente andamos com um azar nunca visto, e em vez de empregarmos todos os esforços para sahirnos d'esta situação angustiosa, parece que tudo e todos conspiram para a prolongar:

O decreto do governo que manda abrir o parlamento no 1.º de outubro tem levantado protestos da opposição, que o considera arbitrario e injustificavel.

O partido progressista toca a rebater pelas liberdades publicas e prepara-se para celebrar comicios protestando contra a dictadura do governo, que vai fazer despesas, e arrecadar contribuições sem auctorisação do parlamento. Não é, porém, infelizmente a primeira vez que isto acontece, e nós estamos no paiz dos precedentes.

Não sabemos até que ponto encontrarão echo esses protestos, mas o que sabemos e vemos é que tudo isto é menos regular, e está longe de entrar na seriedade que convem ao governo de uma nação

João Verdades.

e sempre ao mal fugia.  
Era grande entre os grandes do oriente;  
e, vivendo na doce companhia  
de dez filhos e filhas, santamente  
seus gados numerosos governava,  
bóis, jumentas, camelos,  
que aos milhares contava.

Seus filhos, cada qual por sua vez,  
iam banquetear-se convidando  
as irmans, que eram três;  
e o feliz bando  
refinia-se após no lar paterno,  
onde purificada  
a prole amada,  
o pai erguia preces ao Eterno;  
— «porque, — dizia Job, — os filhos meus  
talvez hajam peccado contra Deus.»—

Mas, certo dia, dia prazenteiro  
de banquete e festim  
para os filhos de Job,  
com este veio ter um mensageiro,  
que lhe falou assim:

— «Teus bóis lavravam socegradamente,  
e as jumentas, ao pé, iam pastando;  
mas eis que, de repente,  
salteadores em bando  
nos levaram os gados,  
passando a ferro os guardas e criados,  
E só eu me salvei, dos agredidos,  
para trazer a nova a teus ouvidos.»—

Chêga no entanto novo mensageiro,  
quando o primeiro  
inda falando estava, e assim contou:  
— «Caiu fogo do céu sobre as ovelhas  
e ovelhas e pastores fulminou.  
E ninguém escapou.

gema submerso em dor,  
bemdito seja o nome do Senhor!»

E, em tudo quanto disse,  
nunca dos lábios seus  
saiu uma palavra  
contra Deus!  
Mas um dia, entre os filhos que Deus tem,  
e que foram a Deus apresentar-se;  
foi Satanás tambem.

Pergunta-lhe o Senhor donde é que vem,  
e Satanás então responde: — «Venho  
de girar toda a terra, e andado a tenho.»—  
E tornou-lhe o Senhor: — «Não encontraste  
meu servo Job? Não há quem mais do que elle  
a mim me tema, e que do mal se afaste.»—  
Respondeu Satanás:  
— «Pudera! se Deus faz  
que os havéres de Job se multipliquem,  
e que elle, venturoso,  
só conheça alegria, paz e gozo!»

Torna o Senhor porém:  
— «Estende a tua mão,  
feré com ella tudo que elle tem,  
e só conseguirás dos lábios seus  
a tua maldição.»—

E ainda disse Deus:  
— «De tudo que elle tem, podes dispôr,  
mas a pessoa d'elle pouparás.»—  
E Satanás  
saiu então das vistas do Senhor.

Reservados todos os direitos de propriedade  
de artistica e litteraria.